
EDITORIAL

A Revista GeoPantanal apresenta, neste número, o Dossiê temático Jurisdição em fronteiras. É fruto da articulação entre pesquisadores do Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Pantanal) com docentes do Mestrado em Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os artigos trazidos neste número tiveram a participação direta da professora Luiza Vieira Sá de Figueiredo, do Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS) e do professor Thiago Oliveira Moreira, do mestrado em Direito (UFRN) que atuaram como editores convidados. Trata-se de um produto do *I Congresso Internacional Jurisdição em Fronteiras*, ocorrido na cidade de Corumbá/MS, entre os dias 9 e 11 de novembro de 2022.

Para além dos 10 artigos que compõem este número, a Revista GeoPantanal rende homenagem aos pesquisadores pioneiros em abrir horizontes para o entendimento de fronteira na perspectiva deste dossiê. Na escala nacional, reconhecemos e somos imensamente gratos aos ensinamentos de Lia Osório Machado. Na escala regional, o pioneiro é nosso companheiro aposentado da UFMS, Tito Carlos Machado de Oli-

veira. São pessoas, cujos trabalhos inspiraram e incitam várias reflexões e práticas desde a origem dos seus escritos até os dias atuais. Foram e são referenciais teórico-metodológicos e, por isso, nossa homenagem.

Os estudos sobre as fronteiras no Brasil têm suas origens bem-marcadas nos relatórios militares e nas observações de viajantes desde tempos imperiais. Embora ao final do século XIX Frederick Turner tivesse dado enormes contribuições para a construção de um pensamento, especialmente quando insere a fronteira no centro de decisões das altas esferas políticas nacionais, no Brasil persistiu por muitas décadas a ideia de um espaço de abandonos, desordens e ameaças à integridade do território nacional.

Na virada do século XX para o XXI, os estudos acadêmicos, especialmente os liderados por Bertha Becker e Lia Osório Machado, foram os responsáveis por mudanças significativas tanto na forma de enxergar quanto na de gerir as fronteiras. Suas teses, em especial as de Lia Osório Machado, apoiadas em Claude Raffestin, tiveram alcances espetaculares, uma vez que, a partir delas, foi possível reconhecer dinâmicas próprias, arranjos criativos e soluções incríveis que as populações fronteiriças construíram e constroem para sobreviver ao distanciamento político. Sem cair em simplificações rasas, foi na distinção entre limite internacional e fronteira que Lia Osório Machado desenvolveu sua principal tese, em que o primeiro é de domínio das esferas mais elevadas dos interesses nacionais, incluindo sua soberania, enquanto a segunda pertence aos povos que ali habitam. Essa nova forma de entendimento permitiu enxergar com mais clareza as complexidades das relações das sociedades fronteiriças com as leis e os efeitos administrativos dos estados que compõem esse território.

Contudo, apesar dos avanços observados nas obras de Lia Osório e Bertha Becker, os estudos brasileiros sobre fronteira ainda careciam de pesquisadores que, com robustez intelectual, estudassem essa categoria a partir dela. Ou seja, faltavam estudiosos de instituições periféricas que dessem conta do desafio de, não apenas analisar os resultados das pesquisas, mas, sobretudo, desenvolver um pensamento crítico e coerente sobre as fronteiras. Tito Carlos Machado de Oliveira supre essa demanda a partir de 1998 com a publicação do livro *Uma fronteira para o Pôr-do-sol*. A partir dessa obra, seus trabalhos diversificaram, tanto em articulações internas quanto externas à UFMS. A organização das edições do Seminário Internacional América Platina (2006, 2008 e

2010) trouxe o debate sobre as fronteiras em circuitos com amplitudes inimaginadas até então.

As fronteiras chegam a Mato Grosso do Sul de forma muito intensa, seja nos limites com o Paraguai, seja nos com a Bolívia. Sabedor disso, Tito Carlos Machado de Oliveira fez a marcação de suas importâncias para a formação política e econômica desse estado de tal forma que se torna indissociável o seu nome à compreensão desses territórios e seus impactos nas vidas dos sul-mato-grossenses.

Dez anos depois do lançamento do livro fulcral nos estudos de fronteira, a UFMS implantou, em 2008, o Mestrado em Estudos Fronteiriços no Campus do Pantanal, na fronteira cidade de Corumbá. Tratava-se do primeiro Programa de Pós-Graduação no Brasil que tinha seu objeto central as fronteiras e os limites internacionais, temas responsáveis pela costura das suas linhas de pesquisa, definindo seus projetos de pesquisa e seus alcances extensionistas. O fato de ser um Mestrado Profissional deu a marca de inserção social e da busca de soluções para os problemas estudados nos projetos dos docentes, ou nas dissertações desenvolvidas. Esse emaranhado arrojado para um Programa em uma universidade periférica e em um Campus situado na fronteira com a Bolívia é indissociável de uma história principiada por Lia Osório Machado e aprofundada por Tito Carlos Machado de Oliveira, pois foram eles os responsáveis pela construção de metodologias coerentes que levaram ao reconhecimento de centralidades periféricas.

A fotografia da capa é de autoria do editor e retrata a capa do livro *Uma fronteira para o pôr-do-sol*, a referência pioneira, escrita na periferia do Brasil, sobre fronteiras, de autoria de Tito Carlos Machado de Oliveira e publicado pela Editora da UFMS, em 1998. A capa do livro é uma representação muito viva da fronteira brasileira, que nos convida a apreciar que, apesar do limite e para além dele, a fronteira é um espaço de possibilidades e de complementaridades.

O vermelho e o amarelo são as cores que dominam a arte da capa. É uma alusão à condição do sol que abraça ambos os lados da fronteira, na altura de Corumbá. É o “entardecer que ‘nunca se põe’, se pereniza no suor constante dos cidadãos e transeuntes”, como escreve Tito, na contracapa desse livro. O voo dos tuiuiús ou das garças, a depender da imaginação de quem observa, indica que o limite internacional é uma convenção social e política, um produto das relações de poder.

Igualmente, ilustra que existem outras lógicas que passam/circulam pelas fronteiras forjadas pelos humanos: aquelas dos elementos da natureza tangíveis e intangíveis.

Por isso a fronteira é fascinante e, por esta razão, são cada vez mais necessárias obras que estudam suas dimensões, temáticas e escalas, como é o caso deste dossiê.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Edgar Aparecido da Costa
Marco Aurélio Machado de Oliveira